

# Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

17 a 30 de Julho de 2018 | Nº 165 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

**CONCLAVE ABORDA O SECTOR**

Pág.  
2 a 9



## VI CONSELHO CONSULTIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA

INDÚSTRIAS CULTURAIS E PATRIMÓNIO CULTURAL  
ENTRE OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO

HISTÓRIA

Pág.  
15



**A GUERRA  
E OS COGUMELOS  
DA SALVAÇÃO**

ARTES

Pág.  
13



**“VERMELHO  
SOU, VERMELHO  
SOMOS”  
EXPOSIÇÃO DE  
IMANNI DA SILVA**

## VI CONSELHO CONSULTIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA

# EXTRACTOS DO DISCURSO PROFERIDO PELA MINISTRADA CULTURA, CAROLINA CERQUEIRA, NA SESSÃO DE ABERTURA DO VI CONSELHO CONSULTIVO

(Cabinda, 9 de Julho de 2018)

1. Regozijo-me com este regresso à província de Cabinda, para realizarmos mais uma reunião de debate com os responsáveis pelo sector da Cultura ao nível nacional e provincial, numa altura em que celebramos o 1.º aniversário do registo de Mbanza Kongo nos anais do Património Universal, depois de vários anos de esforço conjunto para perseguir esse objectivo.

A escolha de Cabinda não surgiu por acaso. Trata-se não apenas da província mais ao norte do nosso país, mas também aquela que reúne um bom número de fazedores de Cultura e Artes. Aproveito, pois, esta ocasião para me dirigir a cada uma e a cada um dos escritores, artesãos, artistas plásticos, compositores, dançarinos, estilistas, actores e cantores da província de Cabinda, expressando-lhes o meu apreço pelo seu trabalho e desejando-lhes os maiores sucessos na sua nobre actividade.

Para além do local de embarque de escravos de Chinfuca, da gruta de Malembo, das áreas paisagísticas do Yabi e do Yema, dentre outros pontos turísticos da província, podemos aqui citar o facto de Cabinda ser conhecida pelos seus rituais e costumes, onde se destaca o contacto com os espíritos dos antepassados, bastante bem expressos através da dança de grupos como os Bakamas do Tchizo. Quanto a pratos típicos da região, podemos citar a mayaka, o mincelo, a sacafolha e a chikuanga.

2. Que tarefas deveremos priorizar para os próximos doze meses, no quadro da necessidade de valorização da diversidade cultural que nos caracteriza? – eis a pergunta a que procurarei responder de seguida.

3. Começo por referir a necessidade de reforço do projecto de municipalização da Cultura, com acção no domínio dos espectáculos, das casas de cultura com a presença de um espaço museológico e outro de leitura, do resgate das manifestações artísticas de cada região e da difusão do gosto pelas artes e pela literatura. Os municípios têm de começar a organizar feiras de artesanato e exposições, utilizando recursos próprios e difundindo a criatividade local.

Segue-se a sempre actual questão relacionada com o resgate e a preser-

vação do património cultural material e imaterial. O conhecimento e a preservação dos monumentos, bem como o conhecimento e a difusão da história de Angola devem constar da nossa agenda do dia.

4. Não posso deixar de referir o espaço que devemos dedicar a Mbanza Kongo, de modo a garantirmos a sua manutenção nos anais do Património Mundial. Nos próximos dias, vamos criar um grupo de trabalho para se ocupar desta matéria, de modo profissional e competente, para não sermos ultrapassados por outros.

Ainda neste quadro, é importante mencionar a necessidade de dinamização do turismo cultural, com a criação de um guia que inclua os principais pontos turísticos de cada província, que deve estar disponível nas agências de viagens, nas embaixadas e nas delegações da companhia aérea angolana no exterior. Por outro lado, temos de começar a organizar uma agenda nacional de espectáculos e manifestações artísticas, que seja amplamente difundida.

Não posso deixar de referir uma recomendação da UNESCO, relacionada com a história da resistência dos povos e a preservação dos sítios ligados à história da libertação e da resistência.

Ainda acerca da preservação do património cultural, devo saudar os jovens de Cabinda que integram o grupo de “Amigos do Património”, pois abraçaram a iniciativa lançada pela UNESCO que tem em vista o envolvimento das jovens gerações para defesa do património à escala planetária. Cabinda já disse que sim a essa iniciativa e é preciso que as demais províncias o façam também.

5. O terceiro aspecto que aqui refiro tem a ver com a grande proliferação de denominações religiosas, algumas das quais constituem sério perigo para a democracia, para a paz e a estabilidade social. Temos de saber distinguir entre religião e comércio. Para além disso, as congregações religiosas têm de deixar de ludibriar os fiéis, actuando sobre a sua boa-fé e a sua carência espiritual. E o Estado tem de assumir a sua responsabilidade no que respeita ao esclarecimento acerca do papel social e espiritual das Igrejas.

À transparência da acção das Igrejas deve juntar-se necessariamente a sua acção nos domínios da educação,



da saúde e da assistência social. De outro modo, teremos de começar a pensar em retirar a possibilidade de exercício àquelas denominações que não

cumpram o papel esperado. Este é um assunto muito sério, que vai exigir de nós grande esforço para identificação das congregações que são realmente

nocivas para a estabilidade social.

6. Em quarto lugar, quero referir-me às autoridades tradicionais, cuja importância continua a ser ímpar para o reforço da harmonia social. As autoridades tradicionais devem ser nossos parceiros em vários domínios. Um desses domínios é exactamente o da identificação das denominações religiosas que têm acção diferente da esperada. Mas é preciso, sobretudo, que pensemos na definição do estatuto das autoridades tradicionais, num momento em que se discute a legislação para as autarquias.

7. Temos, a seguir, a questão relacionada com a valorização das línguas nacionais, que ainda não ocupam o espaço que lhes estaria destinado. Para que possamos pensar nessa valorização, reafirmo que temos de partir da actualização do mapeamento das línguas faladas em cada região, para termos uma ideia da presença espacial de cada língua nos dias de hoje. E o Instituto de Línguas Nacionais deve apresentar a sua visão acerca dos passos a dar de modo a valorizarmos essa parte importante do nosso património cultural.

A questão das línguas nacionais está relacionada com o estudo a respeito dos grupos étnicos de Angola, que precisa de ser actualizado. Para o efeito, vamos certamente pedir a colaboração de alguns centros de investigação de universidades.

8. O sexto aspecto a referir em destaque tem a ver com a formação artística, que deve passar a estar presente em cada um dos municípios do país. É preciso que os serviços centrais do Ministério se ocupem desta matéria, elaborando um programa de trabalho que preveja a formação nos domínios do canto, música, teatro e dança, em todo o país. Por que razão não se divulgar o ensino da marimba, por exemplo, aqui em Cabinda? Ou no Moxico? As manifestações artísticas de uma região devem passar a ser ensinadas noutras regiões, sempre com menção às suas origens e à sua história. As casas de cultura têm um importante papel a desempenhar neste quadro.

Não nos devemos esquecer da questão relacionada com a preservação das manifestações artísticas tradicionais. Realço o facto de realizarmos, dentro de pouco tempo, a segunda edição do Concerto Regional de Música e Dança Tradicional. É preciso que iniciativas destas se espalhem por to-



do o país, com organização local.

9. Insisto ainda na necessidade de os museus, bibliotecas e arquivos se aproximarem mais das comunidades, levando informação acerca do que fazem e do acervo de que dispõem, para conhecimento das comunidades, de modo que as organizações sociais e as escolas se interessem pelo consumo dos serviços que as instituições culturais prestam. Para além disso, não nos devemos esquecer da necessidade de reabilitação das instituições existentes e da projecção de construção de novas, tal como consta do Plano de Desenvolvimento Nacional.

10. A investigação científica deve constar também da nossa agenda, não apenas para tomarmos contacto mais directo com a realidade, mas também para difusão do conhecimento em relação à história do nosso país e à realidade antropológica e sociológica de cada região.

A este respeito, não quero deixar de mencionar a possibilidade de participação angolana num projecto de âmbito continental, relacionado com as origens de boa parte dos cidadãos americanos, que têm ascendência africana. Trata-se de um projecto de cariz antropológico, já implementado noutros países africanos com recurso ao DNA

de um certo número de pessoas, que permite comprovar a ascendência africana, um projecto no qual Angola deve também participar. Só assim poderemos reforçar cientificamente a ideia da presença de sangue angolano na edificação dos Estados Unidos da América.

A este propósito, quero recordar que está a decorrer, desde 2015, o decénio dos afrodescendentes, proclamado pelas Nações Unidas com o objectivo da promoção e protecção dos direitos de acima de 300 milhões de afrodescendentes espalhados pelo mundo (fora do continente africano). A participação de Angola no projecto de investigação a respeito da ascendência africana de norte-americanos seria uma forma de saudarmos de maneira decisiva o decénio dos afrodescendentes.

11. A execução cabal das tarefas que acabo de enumerar vai exigir de cada um de nós maior empenho, mais responsabilidade e mais criatividade.

Vamos ter de pensar em alternativas, pois sabemos das enormes dificuldades que o nosso país atravessa, em termos financeiros. Deve ser sempre encarada a opção por soluções locais, para além da necessidade de aposta em parcerias com empresas e com organizações da sociedade civil,

para valorização da Cultura e das Artes, e para uma correcta dinamização das indústrias culturais.

Uma outra opção que devemos passar a encarar são parcerias público-privadas, com as quais possamos todos beneficiar. Mas isso vai exigir de nós rigor e a maior transparência.

Por outro lado, devemos também potenciar o papel da diáspora angolana na valorização da Cultura. Temos angolanos a viver fora, que gostariam de investir cá dentro no nosso sector. Por isso, temos de começar a pensar em projectos de várias dimensão, que contemplem a participação de compatriotas nossos a viver fora de Angola.

12. Com estas palavras, declaro aberto o 6.º Conselho Consultivo Alargado do Ministério da Cultura, sob o lema "Cultura, um desafio do desenvolvimento: Potenciemos as indústrias culturais e valorizemos o património cultural nacional e mundial".



# ANGOLA E CABO-VERDE REFORÇAM COOPERAÇÃO CULTURAL

*Os ministros da Cultura de Angola e Cabo Verde, Carolina Cerqueira e Abraão Vicente, assinaram dia 10 de Julho em Cabinda uma declaração conjunta de reforço da cooperação entre os dois países. A intenção é o reforço da cooperação nos domínios dos arquivos, museologia e património cultural, bem como a realização de manifestações culturais conjuntas, principalmente para maior divulgação da morna e da Kizomba.*

Os ministros da Cultura de Angola e Cabo Verde, Carolina Cerqueira e Abraão Vicente, respectivamente, reiteraram nesta terça-feira, em Cabinda, a necessidade da consolidação da partilha de conhecimentos e a cooperação entre os dois países nos mais diversos domínios culturais.

Falando à imprensa, a ministra Carolina Cerqueira afirmou que se pretende o reforço da cooperação na vertente do património cultural tendo em conta a experiência de Cabo Verde e pelas especificidades nesta área que Angola quer aperfeiçoar.

Carolina Cerqueira adiantou que estão, desta forma, lançadas as bases para a curto e médio prazo se trabalhar nas acções de promoção da indústria criativa e do turismo cultural.

A ministra realçou que a assinatura da declaração enquadra-se no programa da diplomacia cultural que está em plena sintonia com a diplomacia política.

Já o ministro cabo-verdiano, Abraão Vicente, asseverou que se trata do primeiro passo para se consolidar o novo quadro de cooperação cultural entre os dois países, reforçando os programas de acção conjuntos.

O governante de Cabo Verde adiantou que os dois povos têm laços e uma história comum que os obriga a trabalhar e caminhar em conjunto, promovendo acções que contribuam na preservação, divulgação e valorização da cultura dos dois países.

## TARRAFAL, PATRIMÓNIO MUNDIAL

As repúblicas de Angola e Cabo Verde manifestaram a intenção da apresentação de uma candidatura conjunta à Unesco para a elevação do ex-Campo de Concentração de Tarrafal a património mundial.

Falando à imprensa a ministra Carolina Cerqueira frisou que se pretende valorizar e promover cada vez mais um espaço que tem uma ligação no processo de independência e da afirmação de Angola no contexto das nações.

Carolina Cerqueira afirmou que por se tratar de um local de memória colectiva, é essencial que os dois países apostem no trabalho conjunto para a sua elevação como património mundial.

Por turno, o ministro da Cultura de Cabo Verde, Abraão Vicente, destacou que é obrigatório os dois países trabalharem juntos tendo em conta a história que os une.

Abraão Vicente frisou que a parceria técnica será essencial e a parceria de desenvolvimento do processo pela par-

te científica, bem como a conjugação de esforços para que a visão final sobre a sua importância seja também comum.

De acordo com o governante cabo-verdiano, pretende-se, através de um projecto museológico, passar a mensagem da existência de um centro internacional de paz em África e no qual Angola e Cabo Verde comungam dos mesmos ideais.

Formalmente instituído pelo regime fascista português, a 23 de Abril de 1936, sob a designação de Colónia Penal de Cabo Verde, o Campo de Concentração do Tarrafal recebeu, numa primeira fase, até 1954, arbitrariamente e sem qualquer direito de defesa, 340 presos políticos portugueses que lutavam contra o Estado Novo.

Em Junho de 1961, com a luta das forças nacionalistas desencadeadas pelas colónias portuguesas em África, o campo de concentração foi reaberto pelo regime colonial com o nome de Campo de Trabalho de Chão Bom e, desta feita, para encarcerar resistentes à guerra colonial em Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Essa segunda fase do campo, já sem a célebre "frigideira", hoje totalmente imperceptível, durou 13 anos, até à data em que se deu o seu encerramento definitivo, a 01 de Maio de 1974. Nesse período, 238 combatentes da luta pela independência das colónias portuguesas estiveram presos nesse cárcere de isolamento e repressão,



que visava aniquilá-los física e psicologicamente. Em Cabo Verde já é Património Cultural Nacional, mas o país quer a sua elevação a Património da

Humanidade para preservar a memória de todos os que lutaram pela liberdade em Portugal e na África de expressão portuguesa.



# DECLARAÇÃO DE CABINDA

## DECLARAÇÃO CONJUNTA DOS MINISTROS DA CULTURA DE ANGOLA E CABO VERDE

### DE 10 DE JULHO DE 2018

O Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde, Abraão Vicente, visitou Angola a convite da sua homóloga, Carolina Cerqueira, por ocasião do VI Conselho Consultivo do Ministério da Cultura, entre os dias 8 e 11 de Julho de 2018.

Considerando as importantes e históricas relações entre os dois Povos marcados por uma luta comum contra o colonialismo português e pela melhoria das condições de vida das suas populações;

Unidos por laços de amizade e uma secular presença de comunidades Caboverdianas em Angola com marcas substanciais na cultura de ambos os povos;

Tendo em conta o Acordo de Cooperação nos Domínios da Educação e da Cultura entre a República de Cabo Verde e a República de Angola, assinado na Cidade da Praia a 18 de Novembro de 2002, a Ministra da Cultura de Angola e o Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde pretendem com esta Declaração Conjunta sublinhar o compromisso entre os dois Povos e reiterar a necessidade de consolidar a partilha de conhecimentos e a cooperação entre os dois Países.

Assim, durante a visita, os ministros concordaram em priorizar a cooperação nas seguintes áreas:

a) Colaborar na elaboração de um dossier com vista à candidatura conjunta a Património da Humanidade da UNESCO do ex-Campo de Concentração de Tarrafal;

b) Cooperar, no âmbito da CPLP, para a criação e desenvolvimento do Mercado Comum das Artes, Cultura e Indústrias Criativas;

c) Celebrar anualmente a Semana da Morna em Angola e do Kizomba em Cabo Verde, em datas a definir;

d) Estabelecer um mecanismo de intercâmbio que promova a troca de expe-

riências e sinergias, bem como a troca de conhecimentos em áreas como a gestão museológica, gestão arquivística e de bibliotecas, direitos de autor e conexos, desenvolvimento do carnaval e a certificação internacional de artesanato;

e) Promover a troca de experiências no domínio da regulação das indústrias criativas;

f) Colaborar na criação de um programa de Bolsas de Acesso à Cultura com base na experiência de Cabo Verde.

De forma a melhor concretização dos objectivos acima propostos, as Partes comprometem-se:

1. A trabalhar em conjunto para que com a maior brevidade se assinem um novo Acordo de Cooperação no domínio das Artes, Cultura e Indústrias Criativas.

2. A criar um Grupo de Trabalho que estabeleça as linhas orientadoras da cooperação, que reúna anual e alternadamente em Angola e Cabo Verde para o devido acompanhamento dos Programas Executivos estabelecidos.

3. A garantir a presença regular de artistas e agentes culturais de diversas áreas nos grandes eventos organizados pelos Governos de ambos os Países.

Cabinda, aos 10 de Julho de 2018

Pelo Governo da República de Angola  
Sua Excia. Sra. Carolina Cerqueira  
Ministra da Cultura

Pelo Governo da República de Cabo Verde  
Sua Excia. Sr. Abraão Vicente  
Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas



# MINISTRO CABO-VERDIANO APONTA VALORIZAÇÃO DA MARCA ANGOLA

A valorização do produto cultural angolano passa pela divulgação da marca Angola, com uma aposta forte no merchandising, para se levar ao público além-fronteiras o que se produz no mercado nacional, afirmou em Cabinda o ministro da Cultura de Cabo Verde, Abraão Vicente.

De acordo com o governante, que falava na mesa redonda ministerial no âmbito do VI Conselho Consultivo Alargado do Ministério da Cultura, a definição de estratégias de marketing para a apresentação de produto, desde o design até à embalagem, os canais de venda, a publicidade, entre outros, é um componente essencial para a divulgação da marca Angola.

Abraão Vicente apontou ainda a promoção de feiras artesanais, as exposições, a criação de espaços próprios para venda dos produtos artesanais e a edição de brochuras informa-

tivas/revistas que promovam a difusão das actividades artesanais, bem como estimular a criação de prémios para a indústria de publicidade.

Para o ministro, é necessário a fazer a transição da economia tradicional, com forte valor “patrimonial” e identidade cultural para uma economia moderna e sustentável, baseada na promoção de todas as formas de criatividade, inserir a cultura e as indústrias criativas no mercado de produção de novos empregos e de novas valências económicas e libertar os criadores da dependência do Estado.

Durante a sua intervenção, o ministro adiantou que se deve introduzir uma nova abordagem cultural através de uma estratégia centrada nas pessoas, na liberdade e melhor enquadramento profissional dos agentes culturais, na fruição cultural, na descentralização das estruturas culturais e na internacionalização da cultura.



Promover a concertação estratégica em matéria de política cultural com os outros sectores como a educação, o turismo e a formação profissional, bem como com os agentes culturais e

seus representantes é, para o ministro cabo-verdiano, um ponto essencial para se atingir os objectivos preconizados em termos de valorização do produto cultural.

# MINISTRA DO TURISMO DEFENDE POTENCIALIZAÇÃO DO PRODUTO CULTURAL

A ministra do Turismo, Ângela Bragança, destacou em Cabinda a necessidade de se potenciar o produto cultural, o natural, o histórico, o tradicional e o humano (particularmente a juventude) com acções de promoção e divulgação para se atrair turistas para o país.

De acordo com a ministra, que falava durante uma mesa redonda que juntou ainda o ministro da Cultura de Cabo Verde, Abraão Vicente, e os secretários de Estado do Ambiente e da Comunicação Social, Joaquim Manuel e Celso Malavoloneke, sob moderação da ministra da Cultura, Carolina Cerqueira, é necessário se converter o produto cultural, caso concreto o património histórico nacional e mundial em oferta turística, colocando ao dispor de quem visita Angola uma gama de produtos e locais com um elevado valor universal.

No entanto, Ângela Bragança realçou a necessidade da planificação cuidada, procurando saber o que existe, fazer o diagnóstico e o cadastro para se puder ter dados actualizados e frequentes da oferta turística cultural nacional.

A ministra reiterou igualmente a necessidade da formação de guias e a elaboração de um roteiro turístico para alavancar a captação de receitas que contribuam nas acções da melhoria do bem-estar das comunidades.

Ângela Bragança reafirmou o propósito da elaboração de um roteiro turístico cultural sobre Mbanza Kongo no âmbito do projecto de promoção, divulgação deste património mundial.

A ministra asseverou que se deve igualmente apostar no marketing cultural e turístico que possa levar ao público um manancial de dados e informações sobre o turismo cultural.



# ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO ACONSELHADOS A REFORÇAR DIVULGAÇÃO DE CONTEÚDOS CULTURAIS



O secretário de Estado da Comunicação Social, Celso Malavoloneke, advogou a necessidade de os órgãos de informação conformar os seus conteúdos aos valores positivos, incluindo o uso das línguas nacionais, a divulgação de práticas, artefactos, lugares e outros que representam a cultura nacional.

O responsável, que falava numa mesa redonda ministerial no âmbito do VI Conselho Consultivo Alargado do Ministério da Cultura sobre “A comunicação social na promoção da cultura e da identidade”, adiantou que a grelha informativa dos meios de informação devem também fazer a divulgação de políticas e eventos culturais, incorporar elementos identitários da cultura nacional (vestuário, expressões artís-

ticas, língua e linguagem). Para Celso Malavoloneke, a acção deve também passar pelo combate a invasão de elementos nocivos estrangeiros e promover o uso dos símbolos nacionais (insígnias, logomarcas, cromáticas) para contribuir na divulgação, preservação e valorização da cultura nacional.

Celso Malavoloneke acrescentou que se deve encorajar o uso das línguas nacionais e privilegiar os sítios e monumentos culturais para eventos mediáticos. A mesa redonda contou ainda com a participação da ministra do Turismo, Ângela Bragança, do ministro da Cultura de Cabo Verde, Abraão Vicente, e o secretário de Estado do Ambiente, Joaquim Manuel, sob moderação da ministra da Cultura, Carolina Cerqueira.

## ESCOLA DE MÚSICA RECEBE INSTRUMENTOS

A Escola de Música GD de Cabinda beneficiou de instrumentos musicais, numa oferta do Ministério da Cultura, no âmbito da política de incentivo à criação artística e desenvolvimento das artes.

Trata-se de um kit de bateria, trompetas, trombones, guitarras, entre outros, como forma de ajudar a escola no desenvolvimento da sua acção diária ligada ao ensino das artes, particularmente na vertente musical.

A secretária de Estado da Cultura, Maria da Piedade de Jesus, que procedeu a entrega dos instrumentos, afirmou que enquadra-se na estratégia do ministério que visa colocar ao dispor dos fazedores das artes capacidades para melhor executarem as suas acções, tendo em conta a valorização, afirmação e divulgação da cultura angolana.

Relativamente ao Museu Regional de Cabinda, a responsável acrescentou que tem estado a desenvolver um trabalho que satisfaz, com a realização de exposições temporárias e definitivas que colocam em evidência a cultura local.

Maria da Piedade de Jesus orientou, no entanto, aos responsáveis do museu a apostarem na investigação científica com o intuito de recolher mais sobre o património material de Cabinda que possa ser colocado ao dispor dos usuários da instituição.

A visita ao Museu de Cabinda e a entrega de instrumentos musicais a escola aconteceu à margem do VI Conselho Consultivo Alargado do Ministério da Cultura realizado entre 9 a 11 deste mês na província de Cabinda.



# COMUNICADO FINAL DO VI CONSELHO CONSULTIVO ALARGADO DO MINISTÉRIO DA CULTURA

## CABINDA, DE 09 A 11 DE JULHO DE 2018

*Realizou-se de 9 a 11 de Julho de 2018, na cidade de Cabinda, o VI Conselho Consultivo Alargado do Ministério da Cultura sob o lema: “Cultura, um desafio do desenvolvimento: Potenciemos as Indústrias Culturais e valorizemos o Património Cultural Nacional e Mundial”, que teve como objectivos: A análise do Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022; A promoção das indústrias culturais e criativas; A salvaguarda do património cultural e natural; A municipalização da cultura num contexto de desenvolvimento sustentável; E o reforço da diplomacia cultural.*

A sessão de abertura foi presidida por S. Excia. o Governador da Província de Cabinda, General Eugénio César Laborinho, ladeado por S. Excias. Ministra da Cultura, Dr.<sup>a</sup> Carolina Cerqueira, Ministra do Turismo, Dr.<sup>a</sup> Ângela Bragança, Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas da República de Cabo Verde, Dr. Abraão Vicente, e contou com a presença de S. Excias. Secretários de Estado da Cultura, Dr.<sup>a</sup> Maria Piedade de Jesus e Dr. João Constantino, Vice-Governadores da Província de Cabinda, Eng.<sup>o</sup> Joaquim Malichi e Dr. Macário Lembe, Secretários de Estado da Comunicação Social, Dr. Celso Malavoloneke e do Ambiente, Dr. Joaquim Manuel, o Dr. Ricardo Daniel em representação da Secretária para os Assuntos Sociais do Presidente da República, bem como, Suas Majestades, o Rei António Charles Muana Uta Kambanda VII, Soberano dos Bayacas e membro do Conselho da República e o Rei Carlos Kangadzi Mukuva V, Soberano do Cuchi, Província do Cuando Cubango. Estiveram também presentes os Directores Nacionais e Consultores do Ministério da Cultura,

Directores e Secretário Provinciais da Cultura, Juventude, Desportos e Turismo ou seus representantes; Membros do Governo da Província de Cabinda; Representantes da União Nacional dos Artistas Plásticos; Universidade 11 de Novembro; Autoridades tradicionais e religiosas, bem como representantes da Sociedade Civil.

S. Excia. Ministra da Cultura proferiu um importante discurso, tendo elencado um conjunto de tarefas prioritárias para os próximos doze meses, para que se possa responder positivamente as questões relacionadas com o sector que pela sua pertinência e abrangência foi adoptado por aclamação como documento orientador de trabalho no período entre agora e o próximo Conselho Consultivo.

No discurso de abertura, S. Excia. o Governador da Província de Cabinda enfatizou a importância da Cultura na resolução dos vários desafios no âmbito do desenvolvimento socio-económico num contexto de paz e harmonia nacional.

O evento foi estruturado em cinco sessões de trabalho como a seguir se indica:

**Mesa Redonda Ministerial;**  
**Eixo 1- O PDN e a Implementação da Legislação Cultural**  
**Eixo 2- O Património e o Turismo Cultural**  
**Eixo 3- Estratégias Para o Desenvolvimento das Industrias Culturais e Criativas**  
**Eixo 4- Municipalização dos Serviços Culturais.**

### MESA REDONDA MINISTERIAL

Na Mesa Redonda Ministerial moderada por S. Excia. Ministra da Cultura de Angola, intervieram S. Excias. a Ministra do Turismo, o Ministro da Cultura e das Industrias Criativas da República de Cabo Verde, o Secretário de Estado da Comunicação Social, o Secretário de Estado do Ambiente, e o Dr. Paulo de Carvalho, Consultor da Ministra da Cultura.

Na discussão apresentaram os aspectos em que pode haver um interface e complementaridade entre o Ministério da Cultura e os respectivos Departamentos Ministeriais, tendo-se concluído que existe todo um conjun-

to de acções conjuntas que podem ser mais e melhor exploradas para um serviço cada vez mais integrado que se pretende oferecer aos cidadãos. Como recomendação, o Ministério da Cultura e os do Turismo, Ambiente e Comunicação Social trabalharão no sentido de estabelecer protocolos formais de trabalho conjunto nas seguintes vertentes, sem excluir outras:

A turistificação do património cultural e património natural, com vista não só a sua protecção, conservação e preservação como a sua transformação em produtos que, por via do turismo, fortaleçam imagem de marca do País e contribuam para a diversificação da economia.

A conformação dos conteúdos das médias aos valores positivos da identidade nacional, tanto na informação, publicidade e organização de eventos, nomeadamente as práticas, artefactos, lugares e monumentos, assim como a incorporação de elementos identitários da Cultura Nacional, como sejam o vestuário, expressões artísticas, cromática e línguas nacionais e outros.

O desenvolvimento de uma aborda-





gem dos fenómenos culturais em termos estratégicos e de políticas públicas por via do reforço do papel decisivo da família, igreja, escola e comunidade para a transmissão de valores identitários da cultura nacional na era da globalização.

#### CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Seguiram-se as apresentações referentes aos quatro Eixos programados. Apresentados os temas pelos respectivos prelectores e após acesos debates na plenária, chegou-se às seguintes Conclusões e Recomendações:

#### Eixo 1- O PDN e a Implementação da Legislação Cultural

Proceder a actualização da legislação cultural e propor a aprovação de novos diplomas legais;

Criar o sistema Nacional de Arquivos e dotá-lo de racionalidade e operacionalidade para o seu eficiente desempenho;

Proceder o cadastramento e valorização das autoridades tradicionais;

Realizar o III Encontro das Autoridades Tradicionais em 2019;

Promover campanhas de divulgação para implementação e funcionamento do Sistema Nacional de Direitos de Autor e Conexos;

Trabalhar com as plataformas religiosas para que não se transformem num mecanismo fomentador da proliferação de seitas religiosas;

Elaborar estudos em parcerias com as Universidades para uma melhor compreensão e solução da problemática da proliferação religiosa;

Sugerir a inclusão do Ministério da Comunicação Social na Comissão Interministerial sobre o Fenómeno Religioso em Angola;

#### Eixo 2- O Património e o Turismo Cultural

Continuar o processo de inventaria-

ção e classificação de todo o património cultural material e imaterial angolano;

Mobilizar as instituições privadas para o aumento de financiamentos para a inventariação e restauro do património material, imaterial e natural;

Uniformizar a escrita das línguas nacionais;

Produzir informações sobre o património cultural em línguas nacionais, visando a sua utilização pelos órgãos de comunicação social e demais entidades;

Promover a elaboração de estudos de investigação científica no domínio das línguas nacionais, autoridades tradicionais e a problemática do fenómeno religioso;

Promover o pluralismo linguístico;

Elaborar um programa para a recuperação e preservação do património cinematográfico nacional.

#### Eixo 3- Estratégias Para o Desenvolvimento das Industrias Culturais e Criativas

Elaborar mapeamento das instituições de formação artística a nível do país, quer sejam públicas ou privadas, de nível básico ou universitário, amadoras ou profissionais;

Utilizar as tecnologias de informação e comunicação na formação de professores e estudantes;

Implementar o Plano Nacional de Massificação do Ensino Artístico (PLANEARTE);

Elaborar um estudo amplo sobre a revitalização do carnaval que incorpore as questões financeiras e de organização;

Organizar um debate nacional sobre o carnaval, como resultado de discussões a nível municipais e provinciais;

Melhorar a recolha de informações estatísticas da Cultura com periodicidade regular e de forma sistemática;

Criar políticas públicas de apoio e de fomento ao empresariado cultural;

Elaborar um programa de incentivo à produção cinematográfica nacional.

#### Eixo 4- Municipalização dos Serviços Culturais

Dinamizar o associativismo cultural para a expansão do conhecimento através do movimento amador em torno das artes, para a criação de novos públicos e para a promoção do turismo cultural;

#### Regulamentar o associativismo cultural;

Propor a redinamização do Centro Internacional de Civilização Bantu (CICIBA) por meio da realização de uma Conferência de Ministros da Cultura e da nomeação de um Conselho de Administração para uma melhor gestão e aplicação dos recursos financeiros.

#### ACTIVIDADES COLATERAIS

Durante o Conselho Consultivo Alargado, os participantes foram brindados com momentos culturais, com exibição dos grupos de dança Mayeye Tchiaku-Tchiaku e grupo Kintuene Yindula, bem como, do grupo de jovens de Cabinda amigos da preservação do património cultural que solicitaram ao Executivo a continuar a implementação de políticas e medidas em torno da defesa do património nacional e mundial para a sua transmissão as gerações vindouras.

Paralelamente ao Conselho Consultivo, foram entregues Diplomas de Reconhecimento a funcionários que durante mais de três décadas deram o seu valioso contributo em prol da cultura nacional. S. Excia Ministra da Cultura da República de Angola, Dr.<sup>a</sup> Carolina Cerqueira e S. Excia Ministro da Cultura e das Industrias Criativas, Dr. Abraão Vicente procederam à assinatura da “Declaração de Cabinda” que visa o reforço da cooperação no domínio da Cultura e Industrias Criativas entre os dois países

na presença de S. Excias. Governador da Província de Cabinda. Igualmente o Soberano dos Bayakas e do Cuchi foram recebidos em audiência por S. Excia Governador da Província de Cabinda.

Procedeu-se ao lançamento da obra literária intitulada “Era uma vez... Os Legumes”, de autoria da escritora Teresa Teixeira. No recinto do Cine Chiloango onde decorreu o Conselho Consultivo, foi também uma feira de artes onde foram expostas peças de artesanato, livros, quadros, vestuário e artigos decorativos.

Foram efectuadas visitas a vários lugares históricos da Cidade de Cabinda, com destaque para a Igreja São Tiago Maior de Lândana, Tratado de Simulambuco e Local de Concentração de Escravos de Chinfuca.

Os participantes congratularam-se com a visita do Chefe de Estado Angolano, Dr. João Lourenço, à sede da UNESCO e encorajam o Executivo Angolano, em particular o Ministério da Cultura a continuar a envidar esforços que visam a classificação do Sítio Arqueológico do Tchitundu-Hulu, o Corredor do Kwanza e o Sítio Histórico da Batalha do Kuito Kuanavale.

A cerimónia de encerramento foi presidida por S. Excia. Ministra da Cultura ladeada por S. Excia Governador da Província de Cabinda e o Secretário Provincial da Cultura, tendo na ocasião agradecido a presença e empenho dos participantes aos quais desejou feliz regresso às suas províncias de origem.

Agradeceu igualmente ao Governo da Província de Cabinda as excelentes condições de trabalho proporcionadas para a realização deste Conselho Consultivo Alargado.

#### Feito em Cabinda, aos 11 de Julho de 2018

O Conselho Consultivo Alargado

# FILINTO ELÍSIO DE MENEZES E A LITERATURA ANGOLANA

*Apesar de leigos em matéria de Literatura, achámos imperioso tecer algumas considerações sobre a figura de Filinto Elísio de Menezes. Afinal de contas, quem foi esta personalidade e que papel desempenhou no processo de legitimação da literatura angolana?*

**A** abordagem sobre estas e outras questões exige, antes de tudo, uma incursão ao artigo de Luís Kandjimbo, "Mário Pinto de Andrade e a crítica literária angolana do século XX", publicado a 30 de Março de 2018 no Semanário Vanguarda.

No texto em referência, o crítico literário assinala o empenho de Mário Pinto de Andrade na formulação de um discurso crítico que visava legitimar a existência da literatura angolana.

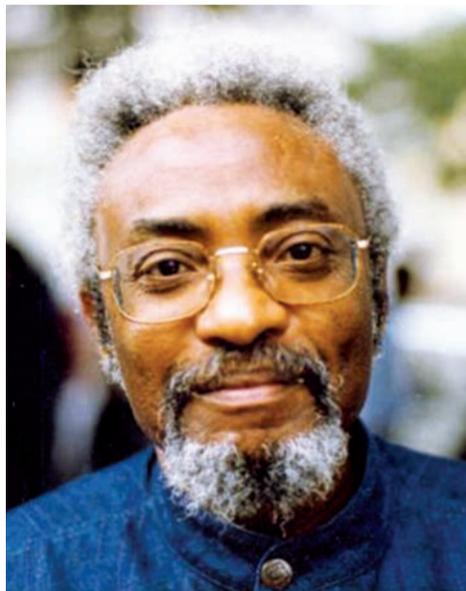
Afigura-se-nos que tal discurso fora constituído parcialmente por três ensaios de Mário Pinto de Andrade, nomeadamente, "Questões de linguística bantu – Da posição do 'Kimbundu' nas línguas de Angola" (1951-1952), "A Literatura Negra e os seus Problemas" (1951) e "O Problema Linguístico Negro-Africano" (1952), publicados, respectivamente, nas revistas Mensagem (nº 1, 2/4) da ANANGOLA, Tribuna e Vértice. As duas primeiras revistas eram divulgadas em Luanda, ao passo que a última circulava em Coimbra.

Os textos citados constituem, conforme salienta o escritor (KANDJIMBO, 2018), "o dealbar de um discurso crítico autónomo que pretende ocupar-se da construção de um cânone literário cuja validação ocorrerá apenas na primeira década dos anos 70, após as independências políticas das antigas colónias portuguesas".

Continuando, o ensaísta angolano diz tratar-se "de um pensamento seminal que é, ao mesmo tempo, um dos momentos genéticos do processo de disciplinarização das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, também conhecidas pela denominação generalista de literaturas africanas de língua portuguesa".

A indicação de Mário de Andrade, apologista do "enraizamento cultural e totalizante" em todas as comunidades etnolinguísticas existentes em Angola, como pressuposto para a criação da literatura angolana, tende a conferir a apenas este intelectual angolano o pioneirismo na legitimação da literatura angolana, em particular, e na de outros países africanos de língua portuguesa, em geral. Será que os intelectuais de outras colónias portuguesas, como Cabo Verde, estiveram alheios a este processo?

Filinto Elísio de Menezes é um poeta cabo-verdiano que esteve ligado a revista literária *Certeza* (1944) na qual haviam sido analisados os factores que impeditivos da afirmação da literatura



cabo-verdiana, a saber: o apego à arte metropolitana de épocas anteriores pelos intelectuais cabo-verdianos e o desconhecimento dos autores cabo-verdianos empenhados com a formação da literatura cabo-verdiana.

Tendo chegado em 1948 em Angola – um ano após a criação do *Jornal Cultura* (I)-, onde viria a permanecer até 1975, o ensaísta constatou uma situação idêntica com a prevalecente em Cabo Verde, e afirmava que, a época, a literatura angolana era desconhecida.

De acordo com Filinto Elísio de Menezes (2008:263), a dominação de um povo ocorre no momento em que os seus dirigentes, na sua insignificância, e em número reduzido, não cultivam o gosto pelas belas-arts. Por outras palavras, o povo que não sobreevalora a sua cultura arrisca-se a depender de outros povos, em todos os domínios, e, por conseguinte, a perder a sua independência cultural.

No seu ensaio, *Apontamentos sobre a poesia de Angola – Maurício Gomes e Viriato da Cruz*, publicado na primeira série do *Jornal Cultura* (1949), o autor reflectia sobre a realidade cultural do povo como fonte de inspiração da criação da literatura. Ademais, sustenta que a literatura de um povo torna-se independente quando os motivos que "a ocupam possuem características próprias, e se os temas das suas criações traduzem alguma coisa que se identifique com as realidades do povo que a detém" (MENEZES apud OLIVEIRA 1997:341).

Este princípio aplicado na análise dos pressupostos da criação das literaturas africanas de língua portuguesa, incluindo a literatura angolana, será reafirmado por Eugénio Ferreira e Mário Pinto de Andrade que se refere ao "enraizamento cultural totalizante nas comunidades humanas" existentes em Angola como pressuposto para



JOÃO NGOLA TRINDADE

a criação da literatura angolana.

Relativamente a poesia angolana, o autor definia-a como sendo a "afirmação das nossas forças emotivas e criadoras, e ao mesmo tempo [...] intérprete dos nossos anseios, dos nossos dramas e realizações". O autor acrescenta que a poesia angolana "é um valiosíssimo inquérito à vida do povo", "aquecida pelo sol quente dos nossos campos, matizada pelas paisagens que nos cerca e encharcada pelo suor do nosso povo".

A nacionalidade não constituía para o ensaísta cabo verdiano critério para que determinado autor de uma obra fosse considerado angolano. Pelo contrário, considerava-se como tal, o autor cuja obra estivesse imersa na cultura angolana.

O texto de Filinto Elísio de Menezes veio a lume numa época (1949) em que a poesia colonial atingia o seu esplendor com a publicação do poema Colono, inserido na obra de Tomás Vieira Cruz, *Cazumbi – Poesia de Angola*, que recebera o prémio de Literatura Colonial organizado pela Agência Geral do Ultramar.

O ensaísta encontrava na poética de Viriato da Cruz a expressão da poesia angolana na sua plenitude e no referido poeta o seu representante principal.



O poeta angolano, esclarece Filinto Elísio de Menezes (apud OLIVEIRA 1997:343), restaura na sua poesia o Negro como "um ser normal, sem os mistérios psicológicos, absolutamente idêntico aos outros homens. [Viriato] não mistifica; como artista que é, em busca do belo e da verdade, observa a sua raça, indica caminhos, aponta-lhe soluções, mas sempre que necessário, vergasta-lhe as costas [...]".

A respeito do papel desempenhado por Filinto Elísio de Menezes, Mário António (1997:390-391), é enfático ao afirmar que "[...] fora [o ensaísta cabo-verdeano] quem propugnara a ideia da criação de uma literatura nova em Angola e apresentava os seus iniciadores em Maurício Gomes e Viriato da Cruz".

Haverá algum exagero nesta afirmação? Se a resposta for positiva, o mesmo não se pode dizer acerca do posicionamento de Carlos Serrano que considera o "artigo" do ensaísta cabo-verdeano "um marco na história das letras angolanas".

Se considerarmos que os esforços tendentes a legitimação das literaturas dos países africanos de língua oficial portuguesa tiveram início no período de luta pela conquista da independência política e cultural África; e se atendermos para o facto de que os intelectuais nascidos nas ex-colónias portuguesas não estiveram alheios a este processo; e tendo em conta a

cronologia dos factos (vide abaixo), chegar-se-á a conclusão de que Filinto Elísio de Menezes antecede a Mário de Andrade na formulação de um discurso crítico que objectivava a autonomização e a legitimação das literaturas africanas de língua portuguesa, em geral, e da literatura angolana, em particular.



#### Cronologia

**1948** – Chegada de Filinto Elísio de Menezes a Angola.

**1949** – O Jornal Cultura (I), publica o

texto de Filinto Elísio de Menezes, "Apontamentos sobre a poesia de Angola – Maurício Gomes e Viriato", inicialmente radiodifundido pela Rádio Clube. **1951**- A revista Tribuna (Luanda) torna público o ensaio de Mário Pinto de Andrade, "A Literatura Negra e os seus Problemas".

**1951-1952** – A revista Mensagem (n.º 1, 2 e 4, Luanda) publica o texto de Mário Pinto de Andrade, "Questões de Linguística Bantu – Da posição do 'Kimbundu' nas línguas de Angola".

**1952**- A revista Vértice (Coimbra) traz a público "O Problema Linguístico Negro-Africano", artigo de Mário Pinto de Andrade.

#### Bibliografia

ANDRADE, Henda Pinto de (Coor), *Mário Pinto de Andrade – Um Olhar Íntimo*. Luanda: *Chá de Caxinde/Henda Pinto de Andrade*, 2009.

FERREIRA, Eugénio M., FERREIRA, Carlos M., Eugénio Ferreira – *Um Cabouqueiro da Angolanidade*. Lisboa: *Mercado de Letras*, 2008, pp. 260-264. Esta obra contém vários artigos e ensaios de Eugénio Ferreira, os testemunhos dos seus correligionários e o texto de Filinto Elísio de Menezes, citado por nós, radiodifundido pela Rádio Clube e editado em 1950 em opúsculo pela Sociedade Cultural de Angola.

KANDJIMBO, Luís, "Mário Pinto de Andrade e a crítica literária angolana do

século XX". Luanda: *Semanário Vanguarda*, 30 de Março de 2018.

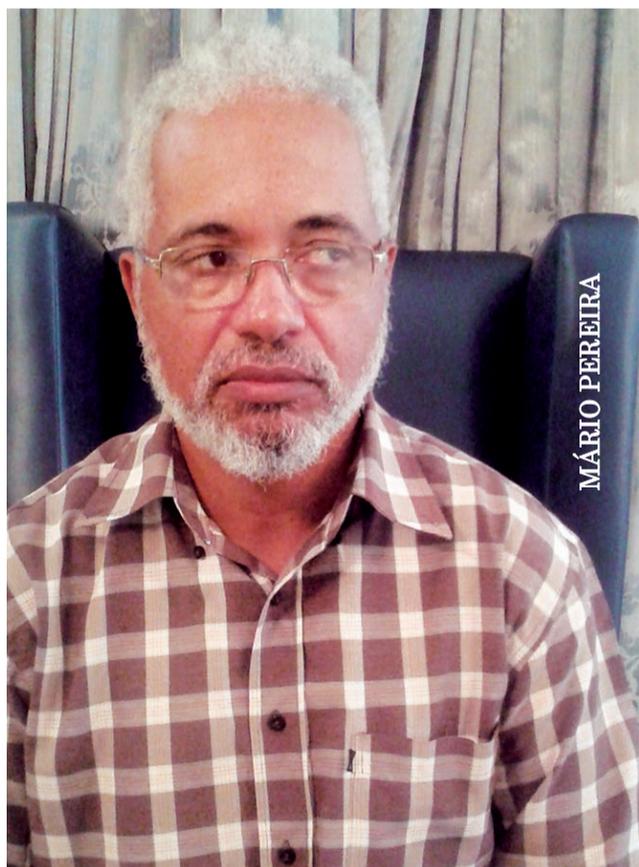
OLIVEIRA, Mário A. F. de, *A Formação da Literatura Angolana (1851-1956)*. S/L, *Imprensa Nacional – Casa da Moeda*, 1997.

**1** Desconhece-se os motivos pelos quais Luís Kandjimbo tenha afirmado que um dos ensaios de Mário de Andrade foi publicado no boletim Mensagem da Casa dos Estudantes do Império (Lisboa) quando as fontes nos informam nos indicam a revista Tribuna. Cf. ANDRADE (2009:123).

**2** Luís Kandjimbo (2018) cita, no artigo a que nos referimos, a Sociedade Cultural de Angola e a sua «revista». No entanto mantém no esquecimento o ensaísta cabo-verdeano, Filinto Elísio de Menezes, que no Rádio Clube de Angola apresentou este texto enquanto decorria uma palestra organizada pela referida associação cultural com a qual estaria ligado.

O texto de Filinto Elísio de Menezes difundido, inicialmente, ao vivo pela rádio e, posteriormente, publicado em opúsculo em 1950 pela Sociedade Cultural de Angola, antecede a publicação de qualquer um dos três textos de Mário de Andrade citados por Luís Kandjimbo. "Literatura e Nacionalismo", outro ensaio de Mário de Andrade, foi publicado apenas em 1962 na revista *Présence Africaine*.

# ODIBATA DYAKUSUKA



MÁRIO PEREIRA

kumubingila tunde kyakwatele nzoji kuma odikowa dyakusuka kala tubya mukujokota kwe yonzotenena, kala tubya twenyoto, mukujokotesa okwiba kwoso kwakexile mukudisambukisa tunde mu dimatekeny dya ngongo. **3.**- Kyoso kitekelu kyenyeke kyamateka pe kya, ndumba dya atu ejidile kubita mu njila yeneye aditunine kuvutuka kubitila ku dingi ni woma wa kutambula okibetu ku mbandu ya jinzumbi jezala ni jindunge ja kubilukisa o ifwa ya athu andala kuxikana yoso atu akamukwa, ngixi alwezi, andala kuzangela kididi kwebi ndumba dya atu andalele kulayela kwenyoko ni kutululuka kwa kwoso! **4.**- Okididi kiki kyadifangana ni kididi kya kalunga tubya – wixi mutu wakexile mubita kwenyoko kwila mukutalela o ukalakalu wenyu wadite ni madima. **5.**- Mu kizuwa kwila mutekedi wakexile kuditekela, omvula yadifanganene kandale kwimana ngo kofele, yabangesa mutekedi mwenyo kuxikama kyoso kitembu ni menya ma mvula akexile mukuvudisa dyulu ni mavu ni menya kyabange atu kukala mukubanzela kuma ndu mwene jinguzu ja mbutu jakexile we mukudikwata mukubandekesa o kituminu kya. **6.**- Ndumba dya atu anga akexile mukudikumbulula mukwanyu mwenyo wabangele kyenyeke! **7.**- Sembele hanji sedibata dyenyedi dyakexile mu mbinga ya ngongo, mu Polo Norte kwenyoko...! **8.**- Mutu wenyu kazengelye ngo odibata dyenyedi, mba wazangele we hanji onjila yeneye kwila yalembwa mukukala ni kubenya kwe kwa ukulu kuma okitangelu kye kyakwata dijina dyengi kala kiki: onjila yakambe kuzediwa kwila yakexile we hanji mukubotomokesa okuswina kwa atu akexile ni kudyelela kwa kukala mu kididi kya-

beta mukuwaba, kikale mu kaxi ka kizuwa mukujokala ni mbumbi: kikale mukujokala we hanji okiswamenu... **9.**- Amoxi exi iyi yene odikowa dya kalunga dibangesa isunji yaiba kubokona monzo. **10.**- Akamukwa hanji exi woso ukala mukubangela kyenyeke kalungangombe kamwixana anga kamwambata dikanga dina... **11.**- Mwadyakimi wakexile mubita kwenyoko, mukukala mukwiva okwibila kwila dibata dyenyedi dyakexile mubanga, wabangele okixindilu kya dikulusu anga walebesa we hanji maku me bulu mukubingila kwa Nzambi bulu omuloloki pala mutu wenyu wabukumukine mukubangela okikuma kyenyeke .... **12.**- Odikowa didi dibekesa dilamba – wadikolo mutudi ni mesu moso mojukule kala wolomona kalunga kubokona monzo. **13.**- – Kungisotele maka – wixi mutu wakexile monzo; omukwa dibata dyenyedi, mutu wabutu ni divumu dyaneta kala nguba yatundu mu dibya kindala – kala kyakexile twana twala mu njila kukitangela mukumomona kubita kwenyoko! **14.**- Woso wandala kubita benyaba – wabangamene omukwa dibata wajindamana kya - ulembwa kutalela odibata didi kuma dibata dya myemye ngo! **15.**- Ki ngandala mukala mukuditala ni kitalelu kyenu kyaiba kinkikuma ndu kungitatamesa muxima ... **16.**- Woso kandale kubanga kyenyeke ubitila njila yengi, kuma ki ngandala mutu ukala mukungikwatela lumbi...! **17.**- Ndumba dya atu akexile mukubitila kwenyoko exi: kota waditekele dyazele... **18.**- Eme kyonzongikwatelami kima sedibata didi dyakexile ni dikowa dya wisu, o dikowa dya kudyelela kwa ngongo – wadikolo mutu wakamukwa wakexile mu bita kwenyoko. **19.**- Kukala mukudila

**1.**- Mu kizuwa kimoxi kyabiti ukulu kulu kya mutu umoxi walungile kuma mukutekela onzo ye ni dikowa dyakusuka mwene wonzolandela okuzediwa kwe kwajimbidile ukulu kulu kya. **2.**- Ni kulunguluka kwe kwoso omukwa dibata wendele mumsamba imbamba ya kutekejela onzo ye ni kilunji kya kubangela yoso kwila muxima we wakexile

kudya kwakusuka, sembele! **20.-** Kutekela dibata ni dikowa dya wisu anga dya dyulu, kota. - Kuditekela ni dikowa dyakusuka ndenge!... akexile mubanga-mana hanji atu akexile mubita kwenyoko ... **21.-** Mu kitangana kyene kimoxi akumbuludi enya amono mizangala kwaazukamena ni mahaha ma to-piya mukwijiya kuma mukwa dibata dyenyedi dyakusuka dyantambwile monzo mukwa wanga wa dikota wixi weza musakela mutu wamukata jihaxi ja kalunga, mwene anga wabene kayula kwa mukwa dibata wixi tekesa dibata dye dya kusuka, nda ulengese isunji yandala kukumona eye mwene wabindama kya! **22.-** Mukudyangela ukalakalu wenyu omukwa wanga wabingi mukwa dibata kulenguluka kuya bwitanda musumba membe maiyadi mazela; jipepe; ukusu wadifangana ni diyaki; yangu ya Nzambi; yangu yakamukwa hanji ya kwijokota monzo mwenyomo kwila odixi dye dyene dyonzobangesa isunji yaiba kutunda bu kanga ni madima. **23.-** Okutandakanya kwa isunji yeneye pe yene yondobangesa jinzumbi jenojo kutunda kwenyoko ni kulenguluka kwa kwoso sek-wandala dingi kuvutuka. **24.-** O dixi dyenyedi pe dyomwangane, kwila odizumba dye dyakexile ni wanga wa kunumisa atu, dyene dyonzobangesa we hanji omuhatu wamulenge kuvutuka ni muxima we woso wezala kya ni kuzola kwe kwoso kwa ukulu kulu kya! **25.-** Membe menyama anga monzovumujuka tunde kwenyoko ndu mwazanga mwene mwa-disanga o dibata odyo kwila kyenyeke ngo dyonzodisanza; kyenyeke ngo dyonzodisulula mu ukexilu wenyu waiba, exi mazwi ma atu abeta mukutumina kwenyoko.... **26.-** Se mwene omukwa dibata mweny wabange kyambote ku polo ya mukwa wanga mweny, ku mbandu ya makamba me ni atu akamukwa hanji akexile mubita mu polo ya dibitu dye, iyi pe kikuma kibangesa ndumba kumulenga mukonda exi kyaiba kukala ni dibata dyotekele ni dikowa dyakusuka, sukwama! **27.-** Mukonda dya kyenyeke pe, ni mukujimbulula kuma o ukusuku ulombolola o usanzelu ukaya okwiba kwa kalunga, omilele yakusuka kwila aizwata mwazanga mu Luanda benyaba mu itangana yabeta kota, ixindila kwila o kudisanza ku polo ya kutena kwa kwiba kwa kalunga ikala mukusambuka boso boso bwakala mwenyu: mu ixi, mu kalunga ka menya anga bulu – exi dingi atu akamukwa hanji kwila o kuxinganeka kwa, mwaxaxi wa ukusukilu wa manyinga makala mukubwabwa pala kubangesa mwenyu kukala ni kidi kye, iyi yene o ulungilu wa ubangelu ni ana akala mukuzembela mautangelu ma malunda metu!

**1.-** Há já muito tempo atrás uma pessoa entendera que pintando a sua casa de vermelho alcançaria a felicidade há muito perdida. **2.-** E, sem mais perda de tempo, comprou algumas latas de tinta vermelha para fazer o que a alma lhe vinha pedindo desde que sonhara que o vermelho cor do fogo em labaredas servia, tal como o próprio fogo, para queimar o mal que se vinha propagando desde que o mundo era mundo! **3.-** Quando começou a pintar a casa, muita gente que se habituara a passar por ali se negou de voltar a fazê-lo por temer represálias de entidades espirituais habilitadas em corrigir atitudes de quem pactuasse com os que violassem a pacatez do lugar onde havia muita gente querendo viver em paz. **4.-** Esse lugar parece-se com o inferno em chamas – afirmou alguém que por ali passava e que ao observar o trabalho que era feito, fugiu dali a correr. **5.-** No dia em que a pintavam, a chuva parecia não que-

# A CASA VERMELHA



rer parar levando a que o pintor se sentasse sempre que uma nova mole de vento e água inundava o céu e a terra, fazendo pensar que até as forças da natureza brigavam para impor o seu desejo. **6.-** Muita gente indagava quem fora o autor de tamanha façanha ao pintá-la daquela maneira! **7.-** Seria razoável se a casa estivesse no extremo do mundo, lá no Polo Norte...! **8.-** Esse indivíduo não só estragara a moradia, mas também a rua que perdera o fulgor de outrora pois, a sua referência passou a ser: a rua sem graça, amolentando o ânimo de quem sempre sonhara estar em lugar mais acolhedor, quer em pleno dia jogando à bilha; quer em noite de luar acolhendo gente para saltar à corda e jogar às escondidas... **9.-** Alguns diziam: esta é a cor do infortúnio que permite que os espíritos malignos entrem nela. **10.-** Outros, ainda, vociferavam: quem assim procede a eternidade o chama de imediato e o leva para longe... **11.-** Um ancião que por ali passava, sentindo o desagrado que a casa lhe causava, fez o Pelo Sinal da Cruz e elevou os braços ao alto rogando a Deus nas alturas o perdão para quem ou-sara cometer tamanho pecado! **12.-** – Esta cor traz desgraça – gritou uma viúva com os olhos muito abertos como se estivesse a ver a morte a entrar no referido lugar. **13.-** – Não quero que me arranjem problemas – afirmou quem estava dentro dela: era o proprietário, uma pessoa de baixa estatura; de barriga volumosa como ginguba acabada de sair da lavra – assim diziam os putos na rua, quando o vissem passar! **14.-** Quem quiser passar por aqui – continuava o proprietário enfurecido - evita olhar para esta casa pois ela é somente minha. **15.-** Não quero que a observem com o vosso mau-olhado que me agasta e me deixa irritado... **16.-** E quem não quiser fazer o que digo que passe noutra rua, pois não quero que me invejem...! **17.-** Muita gente que por ali passava, dizia: seria preferível que a pintasse de branco... **18.-** – Eu não me importaria se a pintasse de verde, a cor da esperança do mundo – gritou outro transeunte... **19.-** – Comer comida vermelha, é aceitável! – Dizia ainda outro... **20.-** –

É preferível pintar a casa de verde ou da cor do céu em vez de a pintar de vermelho... - continuavam os outros que por ali caminhavam a reclamar... **21.-** No mesmo instante os intervenientes viram alguns rapazes a aproximarem-se dali e a gargalharem em forma de gozo, por saberem que a moradia recebera no seu interior a visita de um homem de grande magia que dissera que tinha lá ido curar alguém com enfermidades, das mais perigosas, e que aconselhara o dono dela a pintá-la dessa maneira, para que, de uma vez por todas, afugentasse os espíritos que o queriam ver em dificuldades! **22.-** Para o início da cura o mágico pediu ao dono da casa que fosse à praça comprar duas pombas brancas; o jipepe, o barro vermelho com formato de ovo; o capim de Deus e outras ervas que seriam queimadas lá dentro cuja fumaça afugentaria os maus espíritos. **23.-** Estes, alarmados, saíram do local em passo de corrida sem intenção de quererem voltar. **24.-** A fumaça libertada, cujo odor tinha a magia da conciliação – tal como se dizia por ali -, faria regressar a mulher amada que dele se apartara e que voltaria com o sentimento pleno de amor como outrora já fora! **25.-** As pombas, entretanto, seriam largadas no alto-mar de Luanda e voariam até à referida moradia situada na ilha que, só assim, se livraria do mal que a possuía - diziam as vozes mais autorizadas daquele lugar... **26.-** Se o dono da casa agiu bem aos olhos do mágico, por parte dos amigos e de outras pessoas que por ali andavam esse era um pecado que os afugentava pois achavam que não era nada bom tê-la pintada assim, possas! **27.-** Por isso e para lembrar que o vermelho simboliza a cura contra males do além, os panos vermelhos usados na ilha de Luanda em ocasiões muito especiais pretendem assinalar a cura perante o poder maligno do infortúnio que se difunde onde quer que haja vida: terrestre, marinha, aérea - reafirmaram outras entidades cuja filosofia, centrada no vermelho sangue que vai fluindo para tornar as possibilidades da vida numa realidade, norteia o combate contra quem menospreza os ditames da tradição!

# "VERMELHO SOU, VERMELHO SOMOS"

## EXPOSIÇÃO DE IMANNI DA SILVA

**V**ermelho é paixão, calor, sensualidade, perigo e de qualquer forma atrai seja quem for pela sua intensidade e mistério.

O vermelho reflecte o espírito revolucionário, na moda é glamour e requinte e estimula a sexualidade. Na cultura asiática significa felicidade, pureza e vida, em África desde a morte, agressão e até sorte. Enfim, esta cor que choca e fascina nas suas diversas tonalidades serve de inspiração para esta exposição ardente e calorosa que conta com cerca de 15 obras de pintura e instalação. Nas mais diversas técnicas desde acrílico, colagem sobre tela e madeira, a leveza do cetim e a frágil rigidez do papel cartolina até ao brilho da purpurina e cristais Swarovski.

Esta exposição é como uma paragem obrigatória de um semáforo, a redução de um batôn, estimulando os batimentos do músculo que nos mantêm vivos, bombeando o vermelho riacho que nos corre nas veias.

*Diz a artista Imanni Da Silva que "Vermelho é poder, presença, intimida, fascina, excita e é inexplicavelmente a minha cor de eleição".*

### BIOGRAFIA

*Imanni Da Silva é um talento em ascensão no mundo da arte contemporânea angolana.*

*Nasceu em Luanda e desde muito cedo deixou-se influenciar pelo mundo delicado, feminino e vibrante que a rodeava. Começou a estudar arte aos 16*

*anos no Instituto Nacional de Formação artística e Cultural INFAC onde aprendeu algumas áreas do artesanato desde têxteis, gravura à pintura.*

*Aos 21 anos a grande paixão pela moda fala mais alto e no Instituto de Moda e Belas artes, Central Saint Martins de Londres na Inglaterra novo conhecimento foi adquirido em design têxtil e de acessórios, causando o casamento entre arte e alta costura.*

*Marcado pelo surrealismo, ilustração e abstrato o seu trabalho abraça o glamour, o luxo tendo a mulher e a natureza como as maiores fontes de inspiração onde a sofisticação e a beleza gritam por atenção permitindo a combinação de técnicas como o acrílico, óleo com materiais e acabamentos diversos como o vidro, bordado e a opu-*

*lência da folha de ouro de 24 quilates enfatizando a riqueza da feminilidade. Imanni Da Silva é membro da União Nacional dos Artistas Plásticos UNAP e com uma carreira de cinco anos tem no seu currículo exposições colectivas em Luanda e Londres, tal como projectos artísticos como Pintura do mural Av 21 de Janeiro no FENACULT 2014, Arte de rua do projecto CONTENTOR ARTE 2015 e participação para o catálogo de arte italiano IMAGO MUNDI em 2016.*

*Sua imaginação e criatividade livre e um tanto atrevida abre portas para parcerias com casas de design de interiores, designers de moda e criação de guarda-roupa para o teatro.*

*Actualmente é representada no Reino Unido e Europa pela Galeria de Arte Africana (GAFRA) em Londres.*

## AS PALAVRAS DO PAI DE SAMI TCHAK

**SamiTchak quis somente partilhar as lições do seu pai. Num livro autobiográfico que, segundo o escritortogolês, se poderia muito bem chamar, ou ser de facto, "o livro da minha vida", acabou na verdade por reflectir sobre a representação literária da função social do velho na literatura africana, não só como guardião da memória e da tradição, mas também, e sobretudo, como responsável pela passagem de conhecimentos para a formação dos mais novos.**



SAMI TCHAK

**O**romancista togolês SamiTchak costuma guiar os seus leitores em intrigas que acontecem em todo o mundo, como nas obras "PlacedesFêtes" (2001), "Filles de Mexico" (2008) ou "AlCapone-leMalien" (2011). No seu novo livro, o escritor, que nasceu no Togo em 1960 e se estabeleceu em Paris, quebra o ciclo e oferece uma obra de introspecção com "Ainsiparlaitmonpère" (Assim falava o meu pai, em tradução livre).

Revelando-se transmissor de uma palavra paterna imbuída de sabedoria, SamiTchak apresenta as "as lições de ferreiro" que ele recebeu do pai. E com uma paciência de Sísifo, lemos, ou melhor, vemos um SamiTchak que esculpe em pedra, às vezes terno e acolhedor, às vezes duro e refractário ao francês, o corpo vibrante de uma obra como nenhuma outra.

Depois de doutorado em sociologia, e como trabalho de pesquisa, escritor togolês fez várias viagens a Cuba, a partir de 1996, e escreveu "Prostituição em Cuba", publicado em 1999. Visitou México e Colômbia, que lhe deram pano de fundo para muitos romances, tendo conquistado, anos depois, o Grande Prémio Literário da África Negra em 2004 por todo o seu trabalho e o Prémio AhmadouKourouma para "LeParadisdeschiots" (2006).

Conhecido pelos seus ensaios e romances densos e polissémicos, SamiTchak, cujo nome verdadeiro é SadambaTcha-Koura, traz num livro autobiográfico "sobre o que lhe foi ensinado a procurar na condição humana",

não admira que tenha sido o primeiro dos irmãos a aprender a ler e a escrever. Depois de se formar em filosofia na Universidade de Lomé, terminou os seus estudos em Paris com um doutorado em sociologia. Mas foi no trabalho do seu pai que a sua educação começou. O carvão, o fole, o fogo, a bigorna, o ferro vermelho e o martelo precederam as páginas e a caneta. "Escuta-me e tenta. Escuta-me e peeneira as minhas palavras. Será apenas migalhas para o essencial". O pai dava as "lições da forja" aos seus filhos, às suas filhas, às suas esposas, aos homens e às mulheres da aldeia. E SamiTchak não se esqueceu delas. "São inestimáveis boas lições de humanidade, de humildade e amor", lembra o escritor. "De uma criança, devemos aprender mais do que podemos ensinar, uma vez que ela carrega dentro de si o mundo que não temos tempo de viver, enquanto ela tem a oportunidade de conhecer o essencial do que existia antes dela", assim falou o pai de SamiTchak no nascimento do seu filho mais velho, Malick, no dia 2 de Junho de 1987, em Ouagadougou.

"Você alega ter derrotado todos os seus competidores nas sete aldeias, eh, bom campeão de luta? Tem certeza? Tem certeza de que não tem mais competidor? Você quer que eu lhe diga a verdade, você quer? Jovem, a sua vitória não estará completa até o dia em que você ajoelhar a sua própria sombra", assim falou o pai do escritor ao maior lutador da vila que inventou a sua própria lenda.

"Em todo lugar do mundo, se você não encontrar nos outros uma parte profunda de você, não diga que eles são diferentes de você, mas que você não foi capaz de se encontrar neles. Caso contrário, em todo homem, em toda mulher, mesmo naqueles que parecem tão vil e desprezíveis, existe a sua própria verdade. Para não se encontrar, há que passar por si mesmo, meu filho", assim falava o seu pai para lhe ensinar a procurar em cada um a totalidade da condição humana.

Totalidade da condição humana que sempre explorara, afinal. Sobre tudo com o seu "Placedesfêtes" (2001), com o qual granjeou notoriedade. Mas, agora, SamiTchak assume que escreveu "um texto verdadeiramente autobiográfico". E depois de tudo, confundem-se as palavras do pai com as do filho SamiTchak: «Não fique em silêncio sobre esta vida, mas não se atenha a ela, desenhe reflexões. Assim Falava o Meu Pai" é um livro total, escrito nas margens da ficção, eu poderia, se não fosse ridículo, chamá-lo de "o livro da minha vida", porque diz o essencial de mim. Até há o autismo da minha filha, numa linha. E também a minha visão do mundo."

SAMI TCHAK

Ainsi parlait  
mon père



JCLattès

# IDEAIS DE MANDELA

## EM CONCERTO NO PALÁCIO DE FERRO

ANALTINO SANTOS

**G**rupos Tradicional Kussanduluka, Makuma Mambo, Ngoami Maka, Kamba Dya Muenho e Dodó Miranda animaram no Palácio de Ferro o primeiro concerto do projecto “Celebrar África” uma realização da On Art em parceria com a Fundação Sindika Dokolo. Celebrar África com os ideais de Mandela a escolha para Junho e não em Maio, foi propositada, para recordar Junho e Julho de 2010, o Mundial da África do Sul, que Mandela foi um “jogador” importante para a realização deste feito no continente berço.

João Vigário, o director da On Art deu as boas-vindas e apresentou a iniciativa nos seguintes termos “o projecto tem como objectivo abordar por via da música algumas das variantes da auto-afirmação do homem africano, num contexto estético despido da visão exótica ou estereotipada. Celebrar África é uma proposta que busca remeter-nos a um reencontro intemporal e reflexivo, enaltecendo alguns códigos da africanidade que ao dialogar com outras influências projecta as mais variadas realidades do continente berço. África deve ser celebrada não como um diamante em bruto, mas sim, como um diamante puro em forma e estética, valorizada não pelo seu relato com outras realidades sociais, mas pelo seu valor como estrutura única, diferente de seus pares, cujo o coeficiente identitário é diverso e manifestamente rico”.

Antes da subida da primeira proposta, a Companhia de Artes grupo Kussanguluka, a organização realçou a figura de Nelson Mandela e justificou nos seguintes termos “a escolha não poderia ser a mais acertada, pois que, as celebrações do aniversário do continente africano para este ano, têm como epicentro a figura ide Mandela”.

Kussanduluka prendeu os espectadores, com números que resultaram de recolhas dos grupos etno-linguísticos: bakongo, cokwe e ambundu. Os percussionistas demonstraram um rigor quando executaram a chianda e outros ritmos do Leste e do outro lado os bailarinos fizeram recurso ao fogo numa performance que deixou deslumbrante os presentes. Com apresentação de “Tchibinda Ilunga” o grupo coordenado por Augusto Van-Dúnem justificou porque é um dos grupos mais consistentes. Kussanduluka já representou o país em festivais internacionais.

O grupo Makuma Mambo que voltou a pisar o Palácio de Ferro, depois da participação no Festival Muanba-Música Ancestral Bantú, os “mwana Kimbele” liderados pelo guardião do quissanje, André Bueloseke não decepcionaram. Cantando com alma pa-

ra atingir os espíritos, durante meia-hora canções como “Rasta Mambo”, “Balu Kabalu”, “Luvuvumu Yenge”, “Tungulu” e “Camaleão” ajudaram a desacelerar a proposta rítmica do Kussanduluka. Makuma Mambo de acordo à tradução todos os problemas que acontecem devem ser resolvidos e subiu com os seguintes elementos Kinavuidi Jaime (mondo), Armando Pedro (nkoko). Monekene Adriano (ngoma), Gaspar Capitão (sacaia) e na voz principal e quissanje, Adriano Bueloseke.

Seguiram-se dois grupos da região ambundu e do Marçal, Ngoami Maka e Kamba Dya Muenho ambos parceiros de longa data dos mentores do projecto. O primeiro, Nguami Maka liderado por Jorge Mulumba, segundo os integrantes, esta passagem serviu de ensaio, para a participação no Festival Internacional da Lusofonia que acontece em Macau. Jorge Mulumba (hungu, puita, quissanje e voz), Francisco Fernando (tambor solo), Paulo Roma (tambor baixo), João Eliseu (dikanza) e Pascoal Caminha (mukindo) recorreram a “Pango Dia Penha”, “Undengue yami”, dentre outras do cancionário luandense para os ajustes finais nesta digressão de dez dias, onde levaram à nossa tradição nas terras de Confúcio onde a língua de Camões e que Neto profetizou “Havemos de Voltar” é quase veicular.

Por seu lado, Kamba Dya Muenho, a outra formação do Marçal, que tem como lema “lutar contra todas as formas de alienação musical, mantendo sempre presente e patente a nossa identificação cultural” brindou o público com os principais sucessos do álbum “Twabixica” de 2012. Ao som de “Carochinha”, “Miguel”, “Ua Bixila” dentre outros de artistas e conjuntos nacionais, com destaque para “Antonica” dos colegas “Idimakaji”, o grupo, assim como a recuperação de temas

de outros estilos que transcendem o ambiente deste segmento musical, a formação deixou bem patente a sua garra. Sob liderança de Lutuima Sebastião (hungo, puíta e voz), Agostinho António (ngoma solo), Martinho Fernando (dikanza), Manuel Cariongo (ngoma base) e António Nunes (mukindo) o grupo tem presença em vários projectos de valorização de música ancestral, explora o cancionário de Luanda, Bengo e Malange e aposta nos estilos: Semba, Kilapanga, Maseмба, Rebita, Kangoia, Varina, Kazukuta, Rumba e Bolero como géneros de eleição.

Dodó Miranda foi a última actuação da primeira edição do Celebrar África, o artista tido como cabeça de cartaz apresentou-se e mais uma vez não apenas soltou à voz, mas aproveitou a ocasião para evangelizar, que por um lado agradou alguns presentes e por outro desapontou outros, que pensam ser necessário fazer a separação de águas. Num formato de voz e piano o músico fez uma incursão aos espirituais, releituras de clássicos na vertente gospel e angolanos, canções de hinários e temas autorais que exaltam o seu Senhor. Com uma vasta discografia onde podemos encontrar “Venha Jesus” (1997), “Maranata-Vinda de Jesus” (2001) e “Canções de Natal” (2006), “Assurance Plus”, “Embe”, “Maranata”, “Segurança Máxima”, “Já É Hora”, “Imbilenu Nzambi” e “Conexão Gospel”.

Adão João Gomes de Miranda é filho de pastores protestantes e nasceu em 1973 na República Democrática do Congo, veio para Angola em 1995. Compositor e produtor, o artista tem dado aulas de canto, participado em projectos de vários músicos angolanos, assim como faz arranjos vocais. Notabilizou-se sendo uma das vozes do trio Bumba Brothers (mais tarde M.B Genius) com ele gravou o álbum



“M.B Genius”. Em 1997 venceu a primeira edição do Festival da Canção da Rádio Nacional de Angola e em 2006 o Festival da Canção da LAC- Luanda Antena Comercial. Dodó Miranda tem influências de Aretha Franklin, Mahalya Jacson, Golden Gate Quartet, Les Palata, Louis Armstrong, Ray Charles, Trio Sango Malamu, os blues feitos no tempo BB King, Muddy Waters e forte influência do grande pioneiro do Gospel no Congo Charles Mombaya Massain. Dividiu o palco com Lokua Kanza, Djavan, Richard Bona, Manu Dibangu, Cisco, Youssour Ndour, Ivonne Tchaca Tchaca, dentre e internacionais e com as maiores referências da nossa música quer a secular como à sacra.

No final do concerto, Rivelino Luís, o director de produção da On Art bastante satisfeito com o êxito do Celebrar África anunciou para Setembro, a segunda edição e pensa levar para Icole e Bengo e nesta feita homenagear Agostinho Neto, o pai da Nação Angolana. “O conceito do projecto, visa homenagear, por via da arte, figuras africanas que de forma directa ou indirecta contribuíram para a edificação de um continente e abordar algumas variantes da auto-afirmação do africano, num contexto estético despido da leitura exótica ou de estereotipo tropical” acrescentou o nosso interlocutor.



# A GUERRA E OS COGUMELOS DA SALVAÇÃO

A obra *A Guerra e os Cogumelos da Salvação* é um texto narrativo deveras importante sobre uma decisão que tomou o Estado Maior General das Forças Armadas Angolanas no contexto da guerra. O valor dessa decisão só poderá ser aferido convenientemente quando o público leitor adquirir o livro e perceber a mensagem expressa no seu conteúdo.

**MIGUEL JÚNIOR**

Esta obra *A Guerra e os Cogumelos da Salvação* é da autoria do tenente general Américo José Valente, das Forças Armadas Angolanas. Este oficial general é detentor dos graus académicos de Doutor em Ciências Militares (Rússia) e em Ciências Políticas (Cuba). Com esta obra, o tenente general Américo José Valente estreia-se no mundo das letras. Outrossim, esta obra sai a público com a chancela da Editora Acácias.

A presente obra *A Guerra e os Cogumelos da Salvação* possui duas partes. Elas contêm um conjunto de informações que o seu autor achou por bem levar ao nosso conhecimento. Também no corpo da obra há mais duas peças apensadas, as quais atestam a importância das informações descritas pelo autor e ajudam a compreender tudo o que o autor narrou. Na parte final da obra há mais considerações que reputamos como úteis. No geral, este livro tem apenas noventa e sete páginas.

Também há que destacar o facto de que esta obra - *A Guerra e os Cogumelos da Salvação* - tem um prefácio da autoria do general-de-exército João Baptista de Matos, que foi o primeiro chefe do Estado Maior General das Forças Armadas Angolanas. O prefácio empresta outra mais-valia a obra porque mesmo contém alguns pontos de vista sobre os factos que o autor narra no contexto da guerra. De resto, o general-de-exército João Baptista de Matos era, na altura em que os factos sucederam, a entidade militar mais alta em termos da condução da estratégia operacional das Forças Armadas Angolanas, sem esquecer, como é óbvio, a direcção da guerra no nível estratégico por parte do então Comandante-em-Chefe José Eduardo dos Santos.

Com esta obra, o tenente general Américo José Valente deseja não só explicar certos factos de índole militar que ocorreram no contexto da guerra que Angola viveu no período de 1992-2002. Quer dizer, o interesse é informar aos angolanos o que as Forças Armadas Angolanas fizeram, no contexto das operações militares que se levaram a cabo e não só, a fim de fornecer meios às suas tropas que operavam em condições extremas e a correr populações, de certas localidades do país, que se encontravam carentes de tudo um pouco. Estas acções das Forças Armadas Angolanas, substanciadas em desembarques de pára-quedas com diversos meios, são o que o tenente-general Américo José Valente designa como Cogumelos da Salvação. A ideia impregnada neste título é de grande alcance e atesta o que se fez a fim de assegurar a indivisibilidade do território nacional, bem como para fornecer bens

às populações face à situação que elas enfrentavam naquele momento de guerra. O tenente general Américo José Valente descreve nesta obra pioneira o período dos desembarques, desde o seu começo até as etapas subsequentes no espaço de tempo de 1993 a 2001. Conforme relata o autor, as Forças Armadas Angolanas realizaram mais de mil desembarques aéreos de cargas no período de 1993 a 2001. Estes desembarques permitiram fornecer 13 000 toneladas de cargas. Para melhor esclarecer, ele destaca:

Dentre as províncias que viram a sua salvação cair do céu, as mais beneficiadas e ao mesmo tempo as mais martirizadas e que também resistiram graças a este método de abastecimento foram o Cuito e o Cuando-Cubango.

Entre as localidades que muitas vezes viram as nuvens a serem rasgadas pelos enormes cogumelos da salvação destacamos: Cuito, Kunje, Chitembo, Cuemba, Munhango, Luando, Menongue, Cuchi, Mavinga, Licua, Malange, Cambundi-Catembo, Sautar, Quirima, Luquembo, Cafunfo, Luzamba, Cacolo,

acima descritas. Tanto mais que o autor explica como as Forças Armadas Angolanas mais alguns órgãos da Administração Central do Estado coordenaram acções no sentido de mitigar o sofrimento das populações. De resto, o tenente general Américo José Valente sublinha «que não estavam cercados apenas os militares. Havia população civil nas mesmas condições e clamando por tudo e mais alguma coisa.»

Na guerra em que se encontrava mergulhado o país, a decisão tomada pelo Comando das Forças Armadas Angolanas, sob liderança estratégica do então Comandante-em-Chefe José Eduardo dos Santos, permitiu colmatar de maneira pontual as insuficiências das tropas que se encontravam isoladas no teatro da guerra e fornecer os mantimentos. O mesmo se passou quando as Forças Armadas Angolanas desencadearam operações militares pontuais. Elas penetraram nas linhas das forças contrárias e asseguraram, pelo sistema de desembarque aéreo, os meios para o cumprimento dos objectivos militares fixados pelo Comando Superior.



meio de abastecimento alterou significativamente a situação a nosso favor. O sucesso deste programa esteve também na base de um sistema de direcção centralizado, flexível, oculto e seguro.

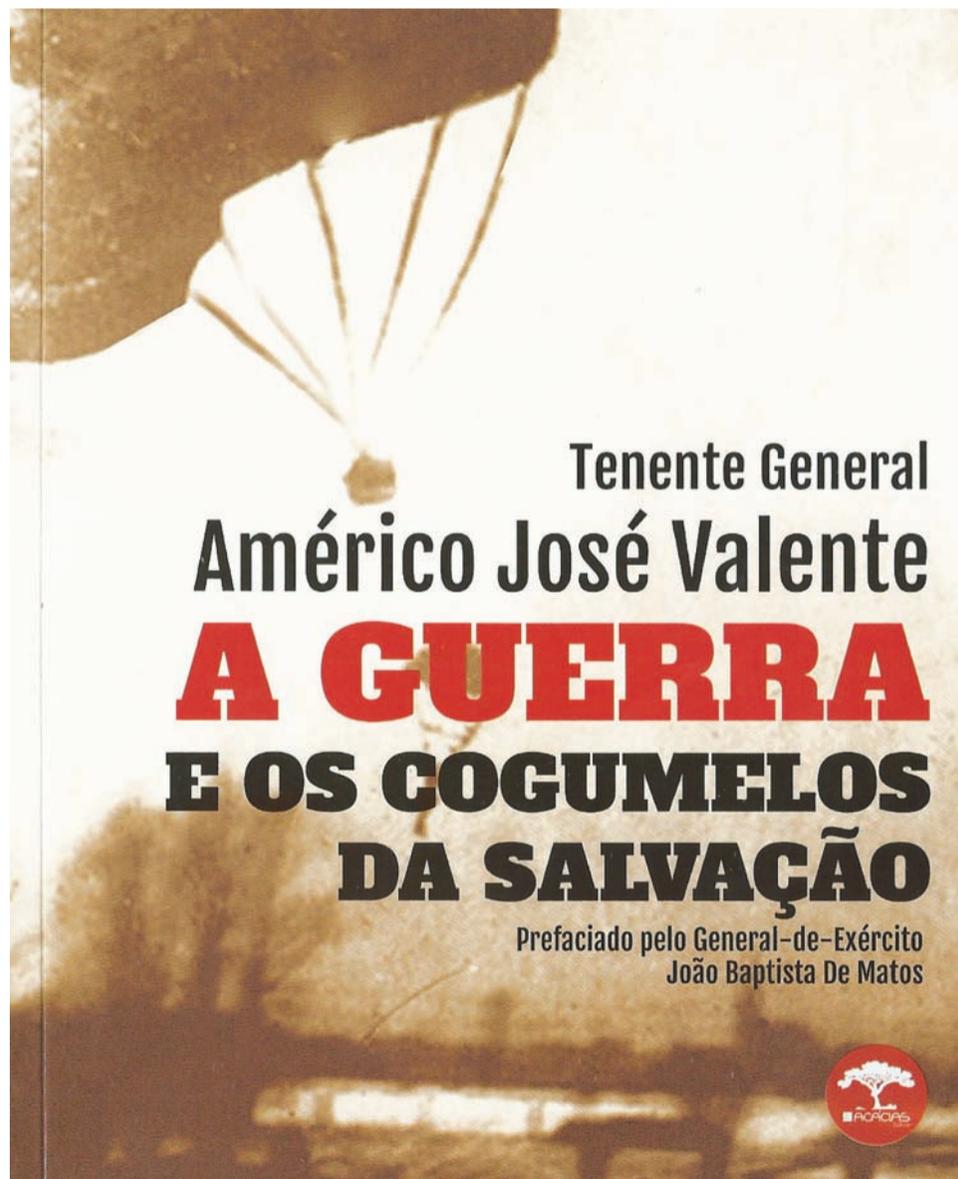
Este programa tornou-se tão célebre, cuja fama ultrapassou as nossas fronteiras e chegou a beneficiar os nossos vizinhos do norte que contavam com a nossa ajuda e também as forças aliadas da SADC em missão na República Democrática do Congo (A.J. Valente, p.36).

O autor narrou os factos com um duplo sentido. Primeiro, descreve como as Forças Armadas Angolanas se estruturaram para o efeito e como elas montaram o sistema de apoio às suas unidades que se encontravam isoladas. Relatando também a forma como os meios eram preparados e enviados às tropas e os seus resultados finais. Segundo, narra os custos gerais das acções desenvolvidas como um todo e culmina com uma reflexão sobre «formas e métodos de direcção» de operações desta natureza na perspectiva de lições a reter pelas Forças Armadas Angolanas.

Na esteira da narração do tenente general Américo José Valente, o prefaciador, general-de-exército João Baptista de Matos, esclarece o seguinte:

Em 1992, após a não-aceitação dos resultados das eleições por parte da UNITA, a guerra recomeçou. As FAA, ainda em criação, estavam longe de ter a capacidade de garantir o controlo de todo o território nacional contra as forças armadas que não tinham desarmado – as FALA.

O erro estratégico de Savimbi, ao não definir um objectivo principal e ao dispersar as suas forças, simplificou a resposta. Não tínhamos de medir forças de imediato e directamente contra um inimigo experimentado e coeso, mas ao mesmo tempo era nosso dever ajudar os nossos, também dispersos pelo imenso território nacional. Então, já como chefe do Estado Maior General das FAA, recordei-me do passado e decidi criar uma resposta eficaz e que não passasse pela apelidada “retirada estratégica”, usada e abusada pelas FALA. Assim, os Cogumelos da Salvação foram a resposta (J.B. de Matos, in Prefácio, p.12). Finalmente, o mundo das letras aplaude esta iniciativa do autor e encoraja-o a prosseguir nesta senda porque esta é a melhor forma de nós enriquecermos a literatura nacional e darmos corpo cada vez mais a literatura militar angolana.



Alto-Chicapa, Xassengue, Balombo, Tchingenje, Ukuma, Longonjo, Cuima, Quilengues e Maquela do Zombo, dentre outras (A.J. Valente, p.36). As cargas destinavam-se às Forças Armadas Angolanas e às populações nas localidades

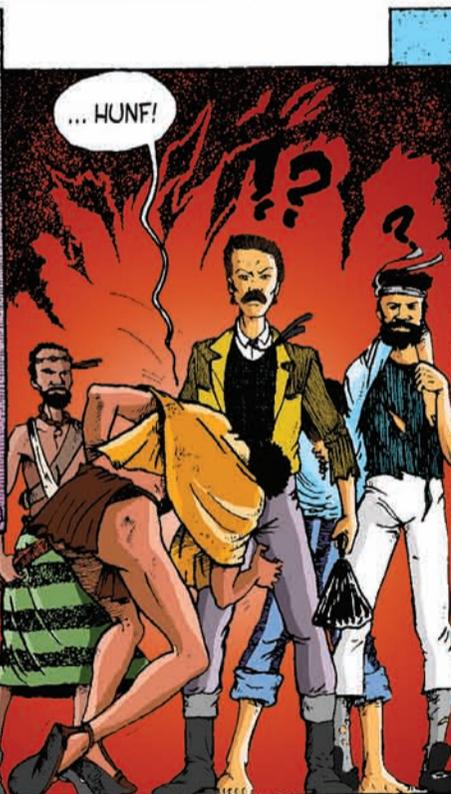
O tenente general Américo José Valente descreve como se estruturou o sistema dos abastecimentos por desembarque aéreo e avaliou, ao mesmo tempo, os seus resultados. Tendo para o efeito destacado: A introdução deste

MASALA, O LEOPARDO

№14

Por: Lito Silva

# O CANTO DE LUSUNZI



CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

**CURSO DE BANDA DESENHADA**  
INSCRIÇÕES ABERTAS  
**NA CASA DAS ARTES**



**HORÁRIO DA SECRETARIA**  
Das 10h às 18h, de segunda a sábado  
Morada Talatona Via 5



**contacto**  
(+244) 996660065  
casadasartesluanda  
info@casadasartesluanda.com

Curso intensivo semestral  
Coordenação Pedagógica

© **Sisma Comics**



**CASA DAS ARTES**